

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

QUESTÕES AMBIENTAIS E OS MOVIMENTOS SOCIAIS¹

Milton César Gerhardt², Walter Frantz³.

¹ Projeto de pesquisa em andamento de doutorado

² Doutorando UNIJUI/PPGEC 2015, Bolsista CAPES, e-mail: miltoncesargerhardt@yahoo.com.br

³ Professor Orientador. PPGEC/DCJS, UNIJUI, wfrantz@unijui.edu.br

Introdução

Em meio ao debate atual sobre alterações climáticas, propomos refletir acerca de como podemos conjugar a vida e a economia, que implica produzir e distribuir, procurando integrar e valorizar essas questões de modo a preservar o meio que habitamos com as diferentes organizações sociais existentes. Como conciliar a sobrevivência da humanidade de maneira que a sustentabilidade seja mantida, preservada e mesmo fomentada? Certamente, esse é um dos maiores desafios à humanidade para o século XXI.

Junto com a questão do dilema da continuidade da vida no planeta, ou seja, a vida como a concebemos e entendemos hoje, queremos propor uma reflexão acerca da importância e da necessidade dos movimentos sociais nesse processo de resistência e de não aceitação do que se impõe como necessário de modo especial, pelo capital financeiro. O que buscam os movimentos sociais no que tange à resistência a grandes obras e movimentos de questionamento do que o capital impõe muitas vezes como hegemônico?

Na visão de Sztompka (1998, p.463), talvez, os movimentos sociais sejam a força mais poderosa de mudança em nossa sociedade, pois são agentes produtores de mudança social. “As mudanças podem vir ‘de baixo’, através das atividades empreendidas pela massa de pessoas comuns em graus diversos de ‘associação’; ou podem vir ‘de cima’, por meio da atividade de elites capazes de impor suas preferências aos demais membros da sociedade.”

Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa com o objetivo de identificar e compreender o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes do ser humano na sua subjetividade, buscando analisar o conjunto desses diferentes fenômenos na dinâmica social. Por esse caminho de investigação, o sujeito pesquisador procura trabalhar com estratégias que podem advir do cotidiano das experiências das pessoas, bem como, das instituições, que estão inseridas na pesquisa e que acabam sendo objeto de reflexão da ação humana objetivada (MINAYO, 2011).

A metodologia em questão tenta superar um paradigma predominante com discurso hegemônico carregado de poder, que procura justificar atitudes, decisões sobre grandes obras que impactam profundamente os ecossistemas, proposto como contraponto por um paradigma emergente que considera contextos muitas vezes invisibilizados. Assim a metodologia da dialética crítica se organiza de uma maneira que pode sofrer alterações que possam auxiliar na pesquisa para futura elaboração do trabalho da tese.

O estudo está em andamento. A pesquisa bibliográfica, junto à pesquisa de campo, procurará se ancorar na realidade latina americana que possibilita perceber os inúmeros processos de resistência,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

com sujeitos que parecem perceber a necessidade de defender seu patrimônio de diversidades naturais, culturais, sociais e históricas. Assim, procuraremos pesquisar sobre trabalhos e estudos realizados na perspectiva de procurar trazer novas e possíveis contribuições no aspecto de incorporar outras possibilidades a partir dos sujeitos à margem das decisões dos grandes projetos que impactam o meio ambiente.

Discussão

Começamos a reflexão pelos estudos do geógrafo Jared Diamond. Segundo ele (2005, p.170), ao estudar acerca de algumas populações atuais ou passadas, ainda que habitantes de pequenas ilhas, pesquisas mostram que as populações “infligiram grandes danos aos seus ambientes e destruíram muitos dos seus recursos naturais à sua sobrevivência”. Nas condições de vida, estabelecidas hoje, a maioria da população necessita de produtos, de modo especial, alimentos importados de outras nações, temos inúmeros registros de que são os padrões de vida adotados que acabam ocasionando dificuldades em continuar a vida nas suas diferentes formas de manifestação (LATIF, 2007). Diamond remete sua reflexão sobre o tempo e espaço de lugares por vezes tidos como não importantes, mas que são relevantes às sociedades atuais, considerando riscos e benefícios da crescente globalização e aumento crescente da interdependência econômica mundial. A sua reflexão remonta a questões econômicas, que são ecologicamente frágeis, tais como, a do petróleo, apesar de sua importância pela necessidade criada em torno da sua dependência como fonte energética.

Mesmo que muitas espécies de flora e fauna ou populações humanas já tenham sido extintas por razões diversas, entre elas a degradação ambiental, com destaque à deterioração e diminuição da fertilidade do solo, à derrubada das florestas ou poluição da água potável, ainda assim, o ser humano parece não avançar o suficiente na compreensão de que o seu modo de vida é, de certa forma, suicida e pode conduzir a um colapso. Nesse sentido, através da linha do tempo, Diamond (2005, p.138) fala da extinção da vida humana, na Ilha de Páscoa, que nos ajuda e ao mesmo tempo remete a uma profunda reflexão: “é o exemplo mais extremo de destruição de florestas no Pacífico, e está entre os mais extremos do mundo: toda a floresta desapareceu, todas as suas espécies de árvores se extinguíram”. Apesar de perdido no tempo, certamente, traz implícito questões que podem ser atuais como os conflitos e poder de interesses.

O cenário das questões ambientais apresenta desafios gigantescos (JÄGER, 2007). “Se o mundo antigo celebrava o ser e o saber como fins em si mesmos, o mundo moderno transformou o conhecimento do ser em uma estratégia utilitarista cuja finalidade é dominar a natureza pela via da exploração de suas fontes de energia” (SANTOS, OLIVEIRA, ZANCANARO, 2011, p.10). O dilema que se coloca: como pensar e conseguir avançar na superação das diferentes extinções, considerando as necessidades e interesses dos seres humanos? Quais bens naturais são imprescindíveis para a existência de vida e como conjugar o seu uso racional?

A partir dessa situação concreta de ameaças e riscos, que o modelo civilizacional hoje “demanda”, faz-se necessário refletir acerca do que representa para todo um contexto local e global identificar meios que possam auxiliar na reflexão de como estão interligados as questões que podem afetar profundamente a história da humanidade. Conforme Beck (2011), contra as ameaças da natureza externa, aprendemos a construir cabanas e a acumular conhecimentos. Diante das ameaças, porém,

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

da segunda natureza, absorvida no sistema industrial, vemo-nos praticamente indefesos. Os perigos vêm a reboque do consumo cotidiano.

A oposição entre natureza e sociedade é uma construção do século XIX, que serve ao duplo propósito de controlar e ignorar a natureza. A natureza foi subjugada e explorada no final do século XX e, assim transformada de fenômeno externo em interno, de fenômeno predeterminado em fabricado. Ao longo de sua transformação tecnológico-industrial e de sua comercialização global, a natureza foi absorvida pelo sistema industrial. Dependência do consumo e do mercado agora também significam um novo tipo de dependência da 'natureza', e essa dependência imanente da 'natureza' em relação ao sistema mercantil se converte, no e com o sistema mercantil, em lei do modo de vida na civilização industrial. (BECK, 2011, p.09)

A partir desse modelo de sociedade e sua dinâmica de desenvolvimento, surge o desafio de pensar o papel dos movimentos sociais. Movimentos que tem na mudança social sua busca de legitimidade com o desafio de pensar as necessidades que brotam "de baixo". Sztompka (1998, p.465) define movimento social, segundo os seguintes componentes:

(1) Uma coletividade de indivíduos atuando juntos; (2) O objetivo comum da ação é uma certa mudança na sociedade, definida pelos participantes da maneira similar; (3) A coletividade é relativamente difusa, com um baixo nível de organização formal; (4) As ações têm um grau relativamente alto de espontaneidade, assumindo formas não-institucionalizadas e não-convencionais.

Boaventura de Souza Santos (2007) aborda a temática na Sociologia das Ausências, apontando para uma compreensão de que o hegemônico no mundo nem sempre dá conta de explicar as diferentes alternativas que são produzidas. Para isso, Santos (2007) aponta para cinco modos de produção das ausências em nossa racionalidade ocidental que criam essa razão metonímica, preguiçosa, indolente: "O ignorante, o residual, o inferior, o local ou particular, e o improdutivo." (SANTOS, 2007, p. 32). Uma vez que há uma descredibilização das experiências sociais, de maneira especial os países do sul, urge a necessidade de transformar os objetos, as temáticas com seus reais interesses em objetos visibilizados e discutidos.

A maneira pela qual procede a Sociologia das Ausências é substituir as monoculturas pelas ecologias, e o que lhes proponho são cinco ecologias, em que podemos inverter essa situação e criar a possibilidade de que essas experiências ausentes se tornem presentes. As cinco ecologias são as seguintes. Ecologia dos saberes, ou seja a possibilidades de que a ciência entre não como uma monocultura mas como parte de uma ecologia mais ampla dos saberes, em que o saber científico possa dialogar com ao saber laico, como a saber popular, com o saber dos indígenas, como o saber das populações urbanas marginais, com o saber camponês. (SANTOS, 2007, p. 32).

As outras ecologias propostas são a das temporalidades, do reconhecimento, da transescala e das produtividades, valorizando as iniciativas alternativas de organização e produção que existem em meio à vastidão da ortodoxia produtivista que o sistema capitalista ocultou ou mesmo desacreditou. A partir da proposta das diferentes ecologias aponta-se para a tradução como um processo que pode contribuir na integração diferentes experiências existentes e dos invisibilizados. "É traduzir saberes

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

em outros saberes, traduzir práticas e sujeitos de uns aos outros, é buscar sem inteligibilidade sem ‘canibalização’, sem homogeneização” (SANTOS, 2007, p. 39). Ou seja, a proposta é perceber o que há de comum nos diferentes grupos sociais atuantes e possivelmente integrados por causas populares comuns na busca por uma emancipação social.

Para além dos estudos desses autores, em relação à problemática socioambiental, merece destaque a encíclica papal (CNBB, 2015), através da qual o Papa Francisco, junto com todo referencial teórico, alerta sobre o cuidado do planeta como Casa Comum. Faz um apelo ao “urgente desafio de proteger a nossa casa comum a preocupação de unir toda família humana de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.” (CNBB, 2015, p.13). Faz um convite para olhar

a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta [...] a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso [...] a necessidade de debates sinceros e honestos, (sobre) a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta de um novo estilo de vida. (CNBB, 2015, p.15)

Tendo a responsabilidade como grande tema, Hans Jonas discute o princípio da vida no sentido de que expõe e ampara a discussão, mostrando a gravidade da expansão do poder técnico, que põe em risco a existência humana no futuro.

A responsabilidade é princípio primordial e norteador deste momento da história de utopias caídas e novos paradigmas levantados, no qual o ser humano busca desesperadamente categorias que o ajudem a continuar vivendo uma vida digna e que continue merecendo o nome de humana. (JONAS, 2006, p.19)

A compreensão da vida surgida na era moderna fez com que o conhecimento deixasse de ser realizado pela via da contemplação e passasse a ser formulado como utilidade, no campo das modernas ciências da vida, que visam, na verdade, a um uso prático objetivado pela necessidade do domínio da natureza.

Considerações finais

Para além da universidade que produz conhecimento e ciência, temos nos movimentos sociais diferentes práticas que agregam experiências que fomentam profundas discussões teóricas. Reconhecendo as diferentes iniciativas, experiências, pesquisas dos caminhos de conscientização da temática ambiental, o desafio é avançarmos cada vez mais para o cuidado do planeta. Em tempos que vemos o ser humano e o planeta ameaçados, necessitamos outras formas de pensar e organizar a vida como expressão de um todo. Nesse sentido, a ética como uma reflexão profunda sobre a vida pode nos auxiliar em apontar reflexões sobre os valores e fins a serem buscados como meios de conseguir uma transformação do modo de vida, pautada pelo ter e não pelo ser.

A ética, contudo, como reflexão sobre o agir humano e suas potencialidades, não acompanhou o debate enquanto um compromisso à adequação do Ser e o “dever ser”. Dessa forma, alerta Jonas, refletir sobre o comportamento do ser humano em relação à natureza desponta como tema central da reflexão política e faz surgir novas questões, que acabam perguntando sobre quais seriam as melhores opções para enfrentarmos as ameaças do futuro e que se apresentam, por vezes, como catastróficas. Pensar a ética e a responsabilidade como “pão nosso de cada dia”, acaba por ser, um triunfo como um princípio vital e ético, a partir da reflexão crítica que o filósofo Hans Jonas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

percebeu ao longo de toda a sua vida e que continua a nos perturbar como algo a ser buscado por todos os seres humanos.

Palavras chaves: Organização; Mobilização; Mudança; Vida.

Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

CNBB. Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

DIAMOND, Jared. Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JÄGER, Jill. Was verträgt unsere Erde noch? Wege in die Nachhaltigkeit. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2007.

JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LATIF, Mojib. Bringen wir das Klima aus dem Takt? Hintergründe und Prognosen. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTOS, Robinson. OLIVEIRA, Jelson. ZANCANARO, Lourenço. Ética para civilização tecnológica em diálogo com Hans Jonas. São Paulo: São Camilo, 2011.

SANTOS, B. S. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

STOMPKA, Piotr. A sociologia da mudança social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.